

# 1

## Iniciando a conversa

(...) Alguma coisa está fora da ordem  
Fora da nova ordem mundial  
(Caetano Veloso)<sup>1</sup>

Falar de infância pode parecer um assunto saturado. Falar de violência social na infância pode parecer infrutífero... Entretanto, num país como o Brasil, com tantos contrastes sociais, e nos dias atuais ainda é uma prioridade refletir e discutir sobre esses assuntos.

A vida de hoje imprime o seu ritmo frenético e, nesse contexto, percebemos a invasão das novas tecnologias em nosso cotidiano, mudando nossos hábitos, comportamentos e nossas relações interpessoais. O descompasso existente entre os avanços tecnológicos e os avanços da humanidade, no sentido mais estrito da palavra, é algo absurdo. Mais absurda ainda é essa realidade hostil e violenta em que vivemos e que vem, dia-a-dia, calando-nos diante de sua proporção.

Vivemos num país em que, apesar da existência de diversas instituições preocupadas e ocupadas com atividades orientadas para a denúncia e proteção dos direitos humanos dos diferentes sujeitos sociais, ainda se enxerga com certa naturalidade a presença de um enorme contingente de crianças que vivem nas ruas, que não freqüentam a escola, que passam fome, as que sofrem todo tipo de violência física e psicológica e que, por muitas vezes, encontram na criminalidade um caminho possível de sobrevivência. São diversas as formas de abandono e diversas são as justificativas da sociedade e do governo para se esquivar do problema como se ele não nos pertencesse.

Imbuída dessas constatações, percepções e sentimentos e acreditando na arte também como possibilidade de questionamento da realidade que nos cerca, penso que no encontro com a literatura temos a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer a nossa própria experiência de vida. Quem nunca presenciou uma situação como a de *Cena de Rua*, contada por Ângela Lago (1994) ou se deparou com meninos, como o *Uólace* de Rosa Amanda Strausz (2003), perambulando pelas ruas com suas turminhas abordando quem passa para pedir dinheiro ou

---

<sup>1</sup> As epígrafes escolhidas são trechos das músicas mais pedidas e cantadas nas oficinas de música pelos meninos e meninas que freqüentam o Projeto *Ao Encontro dos Meninos e Meninas em Situação de Rua*.

comida? Quem já ouviu histórias como a de *Praça Quinze*, menino conhecido por Paula Saldanha (1981)? E as crianças de Georgina Martins (1999)? Será que estão tão distantes do universo infantil?

Tais histórias estão presentes no nosso dia-a-dia e possibilitam a escuta das vozes que vem desse abandono. Mais do que nunca, é preciso abraçar tais narrativas como pertencentes a cada um de nós, despindo-nos dos preconceitos para podermos promover mudanças de pensamento e de ações. Nesse sentido, esta dissertação pretende analisar o impacto da literatura infantil e juvenil contemporânea cuja temática aborda a infância abandonada em crianças e adolescentes que vivem em suas vidas essa mesma situação.

Esse é o desafio que me coloco na presente pesquisa. Aliás, muitos são os desafios quando falamos de infância abandonada e muitos também são os desafios quando pensamos em literatura e leitura. As principais questões são: analisar como a infância abandonada é apresentada na literatura infantil e juvenil contemporânea; como esse assunto é visto por crianças que também se encontram em situação de desamparo; o que elas falam sobre essas histórias; que relações estabelecem entre essas histórias e as suas próprias histórias de vida; em que medida a leitura dessas obras pode contribuir na (re)construção de suas próprias narrativas. Ouvir o que elas contam é uma oportunidade de olharmos essas crianças e adolescentes nas suas singularidades e também no que trazem da sua experiência coletiva.

Para tal, faz-se necessária uma discussão inicial sobre a construção do conceito de infância. Priorizarei o percurso histórico-sociológico sobre a construção desse conceito e dois serão os aspectos focados: a infância de ontem e de hoje e a infância abandonada. Como fio condutor, utilizarei a obra *História social da criança e da família* do historiador francês Philippe Ariès (1981), a qual faz um mapeamento sobre a construção do conceito de infância na Europa. Para contextualizar a infância no Brasil, a leitura das obras *História das crianças no Brasil* organizada por Mary Del Priore (2007) e *História social da criança abandonada* de Maria Luíza Marcílio (2006) serão fundamentais para que seja possível perceber as repercussões dessas pesquisas no Brasil e seus desdobramentos através dos séculos.

A fim de ampliar essa reflexão, proponho um corte transversal na leitura sobre o conceito de infância concordando com Jobim e Souza (1998) quando assinala que:

O tempo-lugar da infância, constituído de forma hegemônica nas práticas sociais do mundo moderno ocidental, enfatiza a linearidade e a cronologia. Contudo, essa visão, embora dominante, não é fixa, absoluta nem imutável, devendo ser aberta à criação de novas manifestações de acordos intersubjetivos e compreensões inovadoras. (idem, ibidem, p.33)

Desta forma, a contribuição filosófica de Walter Benjamin (2007, 1994, 1987) sobre infância será essencial uma vez que esse autor compreende a infância na sua singularidade e na sua relação com a historicidade, com a totalidade da vida social, isto é, como um ser na e da história.

No que tange à literatura, serão trabalhadas as obras de autores contemporâneos da literatura infantil que se sensibilizam com a questão em debate. São elas as seguintes obras: *O Praça Quinze*, de Paula Saldanha (1981), *Cena de rua*, de Ângela Lago (1994), *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria - um conto de fadas brasileiro*, de Georgina Martins (1999) e *Uólace e João Victor*, de Rosa Amanda Strausz (2003).

Ao trazer o mesmo tema sob diferentes perspectivas, essa literatura proporciona diversas possibilidades de elaboração individual, sem falsos moralismos ou qualquer didatismo. Assim, a literatura de qualidade vem para provocar questionamentos e novas leituras, para desacomodar o leitor, tirar o sujeito da inércia. Desse modo, cabe dizer que também através do que se lê e de como se lê é possível formar sujeitos conscientes do seu papel na sociedade. Afinal, não é isso que é ser cidadão?

A pesquisa de campo, de base qualitativa, será realizada na Fundação São Martinho com a qual já fiz um primeiro contato ainda no ano de 2009. Situada na Lapa, bairro do Rio de Janeiro, a Associação Beneficente São Martinho é uma entidade civil sem fins lucrativos e de caráter filantrópico que se dedica a trabalhar em favor de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, visando o resgate da dignidade e a reversão da situação de violação de direitos em que se encontram. Seus quatro projetos desenvolvem-se nas áreas sociopedagógica, de educação, de cultura e de profissionalização, além da defesa dos direitos de crianças e adolescentes. São eles: *Ao Encontro dos Meninos e*

*Meninas em Situação de Rua, o Núcleo Comunitário de Vicente de Carvalho, o Centro de Defesa Dom Luciano Mendes de Almeida e o Mundo do Trabalho.*

Nesse primeiro encontro, pude conhecer o trabalho realizado pela Fundação e apresentar a minha proposta de pesquisa, que foi bem recebida. Assim, nossa pesquisa se situa dentro do primeiro projeto citado: *Ao Encontro dos Meninos e Meninas em Situação de Rua* que funciona no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro e oferece às crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social nas ruas, atividades sócio-educativas que estimulam o retorno ao convívio familiar e comunitário. Como proposta metodológica, desenvolveremos rodas de leitura sobre a temática da infância abandonada presente nas obras literárias escolhidas com grupos de crianças e adolescentes na faixa de sete a dezessete anos. Acredito que através da literatura seja possível provocar os leitores a fim de que possam questionar as diferenças sociais, resgatar a sua própria narrativa, promover novos olhares e alavancar mudanças construtivas. Assim, a leitura de tais obras pode ser o início de uma conversa.

Assim, faço minha a perplexidade de Ignácio de Loyola Brandão (1981) em depoimento no livro *O Praça Quinze*, de Paula Saldanha (1981):

Li a história para o Daniel e o André. Ficaram meio assustados: “esse menino existe, pai?” E então assustado fiquei eu. De pensar que meus filhos, classe média, vestidos e alimentados, alfabetizados e aparentemente seguros, não sabem que são exceções dentro desse país. Um país com cem milhões de “praças-quinze” a nos rondar, tocar, a nos falar. Sem que a gente responda, se toque, perceba. Sem que a gente se dê conta de que amanhã todos podemos estar transformados em praças-quinze, desamparados e carentes.(...) (BRANDÃO, 1981 *apud* SALDANHA, 1981).

Esses meninos existem sim. Eles nos rondam, nos tocam, nos chamam, nos falam. E ouvi-los é preciso. Essa pesquisa é a proposta de um dos passos nesse longo caminho.

A pesquisa está apresentada em três capítulos. O primeiro contempla a construção do conceito de infância trazendo o percurso histórico-sociológico de Philippe Ariès (1981) juntamente com as contribuições de Mary Del Priore (2007) e Maria Luiza Marcílio (2006) no que tange a infância brasileira e a questão do abandono. Tais leituras foram fundamentais para que pudesse perceber as repercussões européias aqui no Brasil e seus desdobramentos através dos séculos. Opto por um corte transversal nesse estudo trazendo as reflexões do filósofo Walter Benjamin sobre a infância.

O segundo capítulo apresenta o campo, a Fundação São Martinho, situando o Projeto *Ao encontro dos meninos e meninas em situação de rua* - onde a pesquisa propriamente dita foi realizada- e o público a ele vinculado.

O terceiro faz o diálogo entre a literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea, a infância e o abandono. Neste capítulo, explico a escolha dos livros literários utilizados na pesquisa e faço a análise literária dos mesmos. Quanto à essa escolha ressalto que dentre tantas obras de qualidade que abordam o tema tratado os quatro textos escolhidos são representativos de algumas formas de abandono. Temos, então, *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria: um conto de fadas brasileiro* de Georgina Martins (1999), o livro de imagens *Cena de rua* da Ângela Lago (1994), o *Praça Quinze*, de Paula Saldanha (1981) e *Uólace e João Victor*, de Rosa Amanda Strausz (2003). Ainda nesse capítulo, trato da opção metodológica por mim assumida, listando e descrevendo as rodas de leitura desenvolvidas e, na sua dinâmica, trago as falas dos meninos e meninas participantes das rodas a partir da leitura de cada um dos livros.